

COMMENTAIRE COMPOSÉ DE LITTÉRATURE PORTUGAISE ET COURT THÈME

Commentez, **en portugais**, le texte suivant :

E foi desse repente acumulado de Samuel que lhe deu azo de esquecer tudo para trás, Samuel nesse pensamento de organizar uma vida. E só à noite, já na cama, palavras com Elita, que podia montar uma coisa de produção. De milho para vender aos que iam vender na praça de Caála e de broas, de omeletes preparadas e de garrafas de kisangua e de garrafas de cachipembe, e de ovos, em ovos é que Samuel enfatizava “porque as galinhas andam a cagar muitos ovos para apodrecer, que nós nem mesmo mandando para o padre Matias, o compadre Tita e eteceramente no nosso Kami, sobram ovos até para as freiras que ouvi dizer aqui nos miúdos que já estão se a organizar na escola. Desculpem, família, é a primeira vez na história de uma revolução defensiva que ninguém percebe a importância das galinhas, quer dizer, das minhas galinhas que também acredito que andem outras galinhas acesas lá na Caála, nem faço ideia dos galos, serviço de cantar cedo ou ficarem calados na obrigação do medo dos donos. Então, temos que organizar a matéria de ir cedo com o tractor e no atrelado tudo já arrumado para vender às pessoas que vão depois vender nos mercados e assim é mais rapidamente o serviço que o combustível para o tractor não sabemos até quando e a reserva fica mesmo para se for necessário fugir, mas isso não vai acontecer, podem fugir vocês, família!, mas eu, que não penso nos piores, se vierem, vocês podem ir com o tractor, a camioneta, o jipe e o combustível todo, que eu vou ficar aqui até gastar as munições no fim, ficar com a janela de Sónia, para ver os pássaros a comerem na mão dela, e a nespereira, já bem amadurecida, no tempo das nêspereiras meio secas e de um sabor tão doce como a boca da minha filha quando ria para o céu, até que me perdi no que queria dizer, mas vocês podem ir todos que eu fico a aguentar.”

“Eu também, fico com o tio.”

“Melunga, tu és o meu novo filho. A tua mãe pode ser a guerra. Não me lamenta. Então vamos transformar esta fazenda num lugar de liberdade. Fazenda Janela Sónia.

Façam tabuleta. E temos de continuar a pensar nos assuntos da terra que é como o seguinte, a gente tem que semear e colher, o resto a tua irmã Vani que ponha uma cassete de música e vamos ouvir até eu adormecer, Sónia podia estar aqui a bater palmas. Porra, fiquem com a música, vou adormecer nos anexos, mas desculpa Elita, mãe de toda a felicidade e mulher do marido de toda a infelicidade que vem nesse livro, Elita, estou-te a falar a sério, o livro que tu leste, lá onde eu vos guardava, que estava cheio de feitiços, Elita, desculpa só...”

Samuel saiu com as mãos tapando as lágrimas que lhe corriam no rosto. Melunga deu apoio, de um braço no braço e outro no ombro e sentia que o chefe da família tinha as pernas trôpegas. Falta de força nos braços e um hálito de adoentado parecia de paludismo ou seria mais cansaço?

“O Pai está a dormir. Caiu mesmo. Ele anda e fala todo o dia e sempre Sónia, tia Elita.”

“É verdade. Mas o meu pai foi sempre assim, não é mãe?, agora a malta tem que organizar estas coisas que ele pensou e que estão certas e eu tenho tudo quase apontado, mas vou arrumar nas folhas de caderno, os ovos que saem, tudo o que sai, as broas até podiam ficar na tal loja arranjada com o tio Tita, mas como não tem ninguém para vender não vamos vender uma broa, nem os ovos, nem omeletes, a gente chega com o tractor, tem tudo

arrumado no atrelado e vende a quem vai vender, acho que isso o pai já falou e a gente recolhe o dinheiro e faz as contas, o mais caro é o combustível para irmos de tractor. Mas sabem uma coisa? temos aí quatro charruas a olhar para o ar. O problema não é do combustível que vai acabar. Antigamente, a falecida avó é que falava, enquanto se lavrou com
45 bois foi tudo bem. É verdade. Os bois fazem filhos e gasóleo e gasolina não. Nós temos é de pensar é em arranjar nuns bois.”

“Sim, mana, tens razão, mas enquanto sem bois mas para poupar no combustível, podemos trazer pessoas aqui, para começarem a vir comprar aqui e depois irem vender.” E a vida continuou como se tudo estivesse num intervalo e fosse necessário esquecer um episódio,
50 Samuel pensava muito nisso, quando dava voltas pela fazenda e considerava que tinha sido favorecido pelas guerras, independência, pelas guerras e pela paz. Porque quando os tугas haviam abandonado a cidade do Huambo e depois os angolanos que se haviam instalado nas boas casas e representavam o novo poder, também tinham bazado, Samuel passara de lá dos contornos do subúrbio para uma vivenda de um dos melhores bairros da cidade dos colonos. E
55 agora, depois das guerras do Huambo, como chuva e cacimbo, repetidas em ciclo, se encontrava agora refugiado naquela fazenda que encontrara abandonada. Por isso, Samuel, e Elita entendia isso dentro do coração, não queria abandonar aquele espaço. E dona Elita, amarrando na cabeça e com um cuidado jeito, o lenço preto de luto, todos os dias de manhã, ia na janela do quarto da filha, a cama sempre posta, na colcha roxa, já com a cor a esmorecer,
60 olhava os pássaros a cantarem na nespereira e alguns descerem em cima da sepultura para conversarem com as flores e debicando nas frutas e dizia sorrindo para Sónia, filha, se tu estivesses viva o teu pai podia pensar uma vez, não sei, mas não ia sair daqui. Agora que estás no céu, ninguém vai convencer o Samuel António a deixar este lugar que ele chama de Sónia que és tu, aí, onde estás?”

Manuel Rui
Janela de Sónia
Lisboa, Caminho, 2009, p. 91-94

COURT THÈME

Je suis même convaincu que si les premiers Blancs qui ont abordé au Brésil étaient venus par la voie des airs, ils auraient fait demi-tour à la vue de cette étendue impénétrable qui fait peur, d’une forêt qui déborde les horizons et qui a été si justement dénommée l’*Enfer vert* par un naturaliste du XXe siècle qui l’explorait. Il est curieux [...] qu’une image peut jouer un rôle actif dans la vie des hommes, voire troubler et tromper la psychologie de toute une nation ou d’une époque au point que son potentiel poétique fait l’Histoire. Je me méfie des images. Beaucoup plus que partout ailleurs au monde, au Brésil le paradis est un leurre, une image poétique, un sale cliché usagé.

Blaise Cendrars, *Le Brésil – des Hommes sont venus*, Paris, Gallimard (coll. « Folio »), 2010
[1952], p. 14-15.